EDUCAÇÃO INFANTIL E CULTURA DIGITAL: CAMINHOS PARA UM USO CRIATIVO DAS TECNOLOGIAS

VITOR HENRIQUE DA COSTA

RESUMO
Este artigo propõe uma reflexão aprofundada sobre as interações entre a Educação Infantil e a cultura digital contemporânea, destacando caminhos pedagógicos para um uso criativo, reflexivo e significativo das tecnologias digitais. Considerando o papel formativo das experiências vividas na primeira infância, o texto explora como os recursos tecnológicos, quando bem mediados, podem ampliar repertórios simbólicos, favorecer a expressão e a investigação infantil, além de contribuir para a construção de saberes em ambientes colaborativos. São analisadas as implicações da inserção precoce das crianças no universo digital, os desafios para os educadores, as possibilidades de metodologias ativas com tecnologia e o papel da escola como espaço de mediação crítica. Ao final, defende-se que o uso criativo das tecnologias na Educação Infantil depende de intencionalidade pedagógica, formação docente e diálogo constante com os direitos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil; Práticas pedagógicas inovadoras; Linguagens expressivas.

ABSTRACT
This article proposes an in-depth reflection on the interactions between Early Childhood Education and contemporary digital culture, highlighting pedagogical paths for a creative, reflective and meaningful use of digital technologies. Considering the formative role of experiences lived in early childhood, the text explores how technological resources, when well mediated, can expand symbolic repertoires, favor children's expression and investigation, and contribute to the construction of knowledge in collaborative environments. The text analyzes the implications of the early insertion of children in the digital universe, the challenges for educators, the possibilities of active methodologies with technology and the role of the school as a space for critical mediation. Finally, it is argued that the creative use of technologies in Early Childhood Education depends on pedagogical intentionality, teacher training and constant dialogue with children's rights to learning and development.

KEY-WORDS: Early Childhood Education; Innovative pedagogical practices; Expressive languages.

INTRODUÇÃO

A presença das tecnologias digitais no cotidiano das crianças pequenas tornou-se uma marca incontornável do nosso tempo, exigindo da Educação Infantil novos olhares e estratégias. Desde os primeiros anos de vida, meninos e meninas interagem com telas sensíveis ao toque, assistem a vídeos em plataformas online, jogam em aplicativos infantis e se familiarizam com interfaces digitais, muitas vezes antes mesmo de dominarem plenamente a linguagem oral. Essa vivência precoce com dispositivos tecnológicos transforma não apenas as formas de brincar, mas também as linguagens de expressão e os modos de aprender. Diante desse cenário, a escola precisa assumir a responsabilidade de mediar, de forma intencional e crítica, a relação entre a infância e a cultura digital, evitando tanto a negligência quanto o uso acrítico dessas ferramentas.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento norteador da educação brasileira, reconhece o direito das crianças à cultura digital como parte indissociável do currículo da Educação Infantil. Ela propõe que as experiências com as tecnologias sejam mediadas de forma lúdica, criativa e investigativa, respeitando as especificidades do desenvolvimento infantil (BRASIL, 2017, p. 37). No entanto, para que essa diretriz se efetive, é preciso repensar práticas pedagógicas historicamente centradas em metodologias transmissivas e pouco abertas à inovação. A simples introdução de equipamentos tecnológicos nas salas de aula não garante a qualidade pedagógica das experiências. É fundamental que o uso das tecnologias esteja ancorado em projetos educativos que valo-

rizem a escuta da criança, sua curiosidade e sua potência inventiva.

Nesse contexto, emerge um debate necessário sobre o tempo, a finalidade e a qualidade da exposição das crianças às telas. Embora muitas crianças já tenham amplo acesso aos dispositivos em casa, o uso na escola requer intencionalidade, critérios pedagógicos bem definidos e uma postura ética. A tecnologia não pode ser utilizada como mera distração ou como substituta da presença do adulto. Ao contrário, deve estar a serviço do desenvolvimento infantil, sendo mediada por educadores que compreendem as nuances do mundo digital e as singularidades da infância. Mais do que consumidoras passivas de conteúdo, as crianças precisam ser reconhecidas como sujeitos ativos, capazes de construir significados, imaginar e criar a partir das experiências tecnológicas.

Além do acesso aos dispositivos, é imprescindível compreender a cultura digital como um conjunto de práticas, linguagens e modos de relação com o conhecimento característicos da sociedade contemporânea. Nessa perspectiva, a cultura digital não se limita ao uso técnico das ferramentas, mas inclui valores como colaboração, autoria, criatividade e pensamento crítico — aspectos perfeitamente alinhados às diretrizes da Educação Infantil. Integrar essas dimensões ao cotidiano escolar implica construir um currículo vivo, em que as crianças sejam incentivadas a explorar, documentar, comunicar e compartilhar suas descobertas com sentido. A tecnologia, quando bem utilizada, amplia os horizontes da infância e enriquece os processos de aprendizagem.

Cabe à escola, portanto, protagonizar uma mediação ativa entre as crianças e o universo digital, assumindo o papel de espaço de formação para o uso consciente, responsável e criativo das tecnologias. Isso demanda investimento na formação docente, na estrutura tecnológica das instituições e, principalmente, em um projeto pedagógico que compreenda o digital como linguagem e meio de expressão da infância. O educador, nesse cenário, deve atuar como um mediador sensível, que reconhece as tecnologias como instrumentos de autoria e investigação, promovendo experiências significativas, coletivas e contextualizadas. Assim, as tecnologias deixam de ser vistas como ameaças ou soluções fáceis, e passam a ser compreendidas como parte integrante e viva do processo educativo.

INFÂNCIA, CULTURA DIGITAL E A NOVA CONFIGURAÇÃO DO BRINCAR

Na sociedade contemporânea, o brincar infantil tem sido profundamente reconfigurado pela presença constante da cultura digital. Desde os primeiros anos de vida, as crianças demonstram familiaridade com tecnologias digitais, como telas sensíveis ao toque, interfaces interativas e personagens oriundos de produções midiáticas que fazem parte do seu cotidiano. Esses elementos passam a integrar o universo simbólico infantil, influenciando não apenas suas brincadeiras, mas também suas formas de comunicação e interação social. Para Postman (1999, p. 40), as mídias eletrônicas dissolveram as fronteiras entre o mundo adulto e o mundo da infância, tornando urgente a necessidade de novas formas de mediação, tanto no ambiente escolar quanto no familiar, especialmente no que se refere à ludicidade mediada por tecnologias.

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo poder se comunicar por gestos, sons e mais tarde, representar determinado papel na brincadeira, faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras, as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação, da utilização e da experimentação de regras e papeis sociais (LOPES, 2006, p. 118).

Compreender o brincar digital como uma dimensão complementar e não substitutiva do brincar simbólico tradicional é fundamental. A integração das tecnologias ao cotidiano das crianças não deve ser encarada como uma ameaça à criatividade, mas como uma possibilidade de ampliação de repertórios expressivos e cognitivos. Kishimoto

(2011, p. 34) defende que brinquedos tecnológicos, quando utilizados de forma crítica e planejada, podem fomentar a imaginação, a autoria e a ludicidade. Recursos digitais que estimulam a resolução de problemas, a criação de narrativas e a manipulação de cenários simbólicos oferecem oportunidades ricas de aprendizagem e desenvolvimento, desde que estejam alinhados às necessidades e aos interesses infantis.

No entanto, essa integração requer mediação pedagógica qualificada. A tecnologia não deve ocupar o lugar da interação humana, tampouco substituir o papel ativo do educador ou da família na construção de experiências significativas. O adulto, nesse processo, desempenha o papel de facilitador, promovendo o diálogo entre a criança e os recursos digitais disponíveis. Moran (2015, p. 17) enfatiza que é a intencionalidade do uso e a mediação consciente que tornam as tecnologias efetivamente educativas. Em especial na primeira infância, em que o vínculo afetivo, a linguagem e a socialização são fundamentais para o desenvolvimento, o papel do educador como mediador é insubstituível.

Outro ponto essencial diz respeito ao tempo e à qualidade da exposição digital. O uso excessivo, passivo ou desvinculado de objetivos pedagógicos pode acarretar impactos negativos no desenvolvimento infantil. A Sociedade Brasileira de Pediatria (2020, p. 5) orienta que, para crianças de até seis anos, o uso de telas seja sempre supervisionado, limitado e voltado para atividades interativas que favoreçam o desenvolvimento motor, social e emocional. Nesse sentido, o equilíbrio entre o digital e o analógico é necessário para garantir uma infância plural, rica em experiências diversas e integradoras.

A escola, como espaço de convivência, aprendizagem e desenvolvimento integral, tem o dever de proporcionar experiências que articulem o brincar com e sem o uso da tecnologia. O contato com o meio ambiente, os jogos simbólicos, os brinquedos não estruturados e as brincadeiras corporais continuam sendo práticas insubstituíveis que favorecem o desenvolvimento sensório-motor, a imaginação e a sociabilidade. Quando bem planejada e inserida em um projeto pedagógico coerente, a tecnologia digital pode ampliar essas vivências, sem suprimir o protagonismo da criança, seu corpo em movimento e sua capacidade de invenção.

É fundamental reconhecer e valorizar as vozes infantis no processo de integração da cultura digital à prática pedagógica. As crianças possuem saberes próprios sobre os ambientes digitais que frequentam e sobre os conteúdos que consomem e produzem. Incorporar esses conhecimentos ao planejamento das atividades é reconhecer as crianças como sujeitos de direitos, produtores de cultura e agentes de transformação. A escuta atenta do educador, sua sensibilidade para dialogar com os interesses infantis e sua competência para transformar esses interesses em experiências educativas tornam-se elementos-chave para promover um uso criativo, significativo e ético das tecnologias na Educação Infantil.

FORMAÇÃO DOCENTE E COMPETÊNCIA DIGITAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A crescente presença das tecnologias digitais no cotidiano da Educação Infantil demanda uma atuação docente crítica, ética e criativa, capaz de integrar esses recursos de forma significativa ao desenvolvimento das crianças. No entanto, muitos educadores ainda se deparam com desafios relacionados não apenas ao domínio técnico das ferramentas, mas à sua utilização pedagógica. Como observa Kenski (2012, p. 76), a formação docente deve ir além do aprendizado instrumental das tecnologias, incorporando uma reflexão profunda sobre seus impactos culturais, sociais e educacionais no universo infantil. Compreender a função mediadora da tecnologia na aprendizagem é hoje uma das competências centrais para a docência na primeira infância.

Nesse sentido, a formação continuada assume um papel estratégico ao promover espaços de escuta, troca e construção coletiva de saberes sobre a infância digital. Mais do que formar especialistas em informática, trata-se de capacitar educadores para tomarem decisões pedagógicas conscientes quanto ao uso das tecnologias. Discutir o que significa ser criança em uma sociedade altamente digitalizada, os riscos do uso precoce ou desregulado das telas e as possibilidades

de criação, autoria e expressão oferecidas pelos ambientes digitais é parte essencial desse processo formativo. É a partir dessa compreensão ampliada que os educadores poderão construir propostas pedagógicas que respeitem os direitos das crianças, conforme previsto na BNCC.

Para isso, é indispensável abandonar a lógica de uso restrito das tecnologias a momentos específicos, como as visitas pontuais ao laboratório de informática ou a atividades isoladas com tablets. A cultura digital deve permear as práticas cotidianas da Educação Infantil, estando presente nos projetos interdisciplinares, na documentação pedagógica, nos momentos de escuta e diálogo com as crianças e na comunicação com as famílias. Essa integração transversal exige autonomia docente, mas também infraestrutura adequada e suporte técnico-pedagógico que deem condições reais para o planejamento e a mediação qualificada. Não se trata de adicionar tecnologia ao que já se faz, mas de repensar as práticas a partir dos sentidos que as tecnologias podem produzir.

Outro elemento central na construção da competência digital docente é o fortalecimento de uma cultura colaborativa entre os profissionais da educação. A troca de experiências, os projetos em equipe, os grupos de estudos e as redes formativas institucionais são estratégias fundamentais para que os saberes produzidos na prática ganhem visibilidade e sejam socializados. Valente (2015, p. 91) reforça que o professor é também um pesquisador de sua própria ação pedagógica, e que sua vivência com as tecnologias, quando refletida e compartilhada, contribui para o desenvolvimento profissional coletivo. Essa valorização da experiência docente é um fator potente na formação contínua e na construção de sentidos sobre o uso da tecnologia na infância.

Cabe à gestão escolar o papel de fomentar uma política institucional que integre a cultura digital de forma coerente ao projeto político-pedagógico da instituição. Isso inclui o investimento em equipamentos de qualidade, conectividade, materiais didáticos digitais e, sobretudo, tempo para estudo, planejamento e avaliação coletiva. A formação docente para o uso criativo das tecnologias não deve ser episódica ou descontextualizada, mas parte estruturante da identidade da escola. Quando o uso das tecnologias está em sintonia com os princípios da infância, da ludicidade e da educação democrática, elas se transformam em aliadas poderosas da aprendizagem, da expressão e da cidadania desde os primeiros anos de vida.

TECNOLOGIAS COMO LINGUAGENS EXPRESSIVAS NA INFÂNCIA

As tecnologias digitais, quando inseridas com intencionalidade e sensibilidade no contexto educativo, podem ser compreendidas como linguagens expressivas que ampliam as formas de comunicação e criação das crianças. Inspiradas pela abordagem de Reggio Emilia, algumas práticas pedagógicas contemporâneas têm reconhecido a tecnologia como uma das “cem linguagens” infantis, ao lado do desenho, da pintura, da escultura, da música e de tantas outras formas simbólicas de expressão. Como afirmam Edwards, Gandini e Forman (2012, p. 107), a infância é marcada por múltiplas formas de se relacionar com o mundo, e a tecnologia, quando bem mediada, pode ser um dos meios pelos quais as crianças expressam emoções, constroem narrativas e compartilham suas visões de mundo.

Fazer um uso efetivo do potencial transformador das tecnologias digitais implica vislumbrar o aluno como agente ativo no processo de aprendizagem e, por isso mesmo, assumir o compromisso de colocar nas suas mãos as ferramentas para serem usadas na representação de conceitos, na exploração de informação, na troca de ideias e na reflexão sobre o próprio processo de aprendizagem. (COSTA et al., 2012.).

Com base nessa perspectiva, as ferramentas digitais devem ser concebidas não como simples reprodutoras de conteúdos prontos, mas como recursos criativos e investigativos, que possibilitam às crianças produzirem, representarem e reinterpretarem suas experiências. Câmeras digitais, tablets com aplicativos de desenho, programas de gravação de áudio e edição de vídeo, entre outros recursos, oferecem oportunidades para que meninos e meninas contem histórias, registrem descobertas, inventem personagens

ou componham trilhas sonoras. Quando essas produções são legitimadas no cotidiano escolar, fortalecem-se dimensões como a autoria, a autonomia e o pensamento simbólico, aspectos essenciais ao desenvolvimento infantil.

A fotografia, por exemplo, pode assumir um papel expressivo e investigativo quando as crianças são convidadas a capturar imagens de seu entorno escolar. Esse gesto amplia a percepção do espaço, estimula a observação e ativa a sensibilidade estética, permitindo que cada registro seja carregado de sentido. Essas imagens, quando discutidas em grupo, tornam-se ponto de partida para produções orais, narrativas coletivas e até pequenos projetos de pesquisa. Para Barbosa (2010, p. 57), a arte na infância representa um modo singular de ler e reinterpretar o mundo — e os dispositivos tecnológicos, nesse contexto, ampliam o vocabulário visual e simbólico das crianças.

A criação de vídeos curtos também revela o potencial da tecnologia como linguagem integradora. Ao elaborar roteiros, criar personagens e organizar cenas, as crianças mobilizam múltiplas linguagens em uma experiência autoral e coletiva. Esse processo estimula o raciocínio narrativo, a tomada de decisões e o planejamento colaborativo, promovendo o diálogo e o respeito às diferentes ideias no grupo. Longe de uma postura passiva diante das telas, essas experiências colocam a criança como protagonista, capaz de construir significados e narrativas com base em suas vivências e imaginação.

Outro campo fértil de exploração é a linguagem musical mediada pelas tecnologias digitais. Aplicativos simples e acessíveis permitem que as crianças experimentem sons, ritmos, melodias e timbres, criando composições que expressam sentimentos e percepções. Essas vivências não substituem a música corporal e vocal, mas oferecem novas possibilidades criativas que dialogam com a cultura contemporânea e ampliam o repertório expressivo da infância. Cabe ao educador, nesse cenário, assumir uma postura investigativa, sensível às intenções das crianças e disposto a valorizar essas criações como parte do processo artístico e de aprendizagem.

É fundamental que o uso das tecnologias como linguagem expressiva esteja sempre vinculado à observação atenta e à escuta qualificada do educador. Os registros, as conversas e as reflexões em torno das produções digitais ajudam a compreender os processos cognitivos, afetivos e simbólicos envolvidos nessas experiências. Assim, a tecnologia deixa de ser um fim em si mesma e passa a ocupar um lugar significativo no cotidiano da Educação Infantil: como instrumento de expressão, de diálogo e de construção ativa de conhecimento.

FAMÍLIA, ESCOLA E O USO CONSCIENTE DA TECNOLOGIA

A articulação entre família, escola e o uso das tecnologias na infância requer diálogo constante, empatia e corresponsabilidade. Em um cenário em que o contato com telas ocorre de forma cada vez mais precoce, torna-se essencial que as instituições educativas estabeleçam parcerias sólidas com as famílias, criando espaços de reflexão coletiva sobre os limites, os sentidos e os modos de uso dos recursos digitais pelas crianças. Como aponta a Sociedade Brasileira de Pediatria (2020, p. 6), a mediação ativa exercida por adultos – sejam pais ou professores – é a estratégia mais eficaz para garantir que o uso das tecnologias ocorra com equilíbrio, intencionalidade e foco no bem-estar infantil.

É comum que, no cotidiano das famílias, as tecnologias digitais sejam utilizadas como forma de entretenimento, distração ou até mesmo de regulação do comportamento infantil, especialmente diante da sobrecarga de responsabilidades dos adultos. No entanto, quando o uso das telas se dá de maneira passiva, sem acompanhamento ou proposta interativa, há risco de empobrecimento das experiências infantis, com prejuízos ao desenvolvimento da linguagem, da atenção e das relações interpessoais. Cabe à escola assumir um papel formativo junto às famílias, promovendo momentos coletivos – como reuniões, oficinas, rodas de conversa e produção de materiais informativos – nos quais se discutam criticamente o tempo de exposição, a qualidade dos conteúdos acessados e o papel do adulto como mediador ativo.

Ao mesmo tempo, é fundamental que a escola reconheça os saberes que as crianças trazem de seus contextos familiares, inclusive no que tange ao uso das tecnologias. Muitas crianças, mesmo pequenas, já demonstram domínio em manusear dispositivos, criar vídeos, interagir com aplicativos e navegar por plataformas digitais. Essas competências, construídas em casa ou em outros espaços sociais, fazem parte de sua cultura digital e não devem ser desconsideradas. Ao contrário, devem ser acolhidas e integradas ao planejamento pedagógico, favorecendo uma aprendizagem mais significativa e dialógica, na qual os conhecimentos circulam de forma horizontal entre crianças, famílias e educadores.

A tecnologia, além disso, pode ser uma aliada na aproximação entre escola e família, fortalecendo os vínculos e promovendo maior transparência no acompanhamento do percurso educativo das crianças. Ferramentas como aplicativos de comunicação, portfólios digitais, blogs pedagógicos e o compartilhamento de registros audiovisuais das experiências escolares são recursos valiosos para envolver os responsáveis no cotidiano pedagógico. Quando os familiares acompanham e dialogam sobre o que as crianças vivenciam na escola, estabelece-se uma continuidade educativa entre os dois contextos, o que contribui para o desenvolvimento integral da criança, respeitando sua identidade e seus direitos.

É imprescindível considerar que o acesso às tecnologias ainda é profundamente desigual no Brasil, impactando diretamente a possibilidade de mediação consciente por parte de muitas famílias. Fatores como falta de conexão à internet, ausência de dispositivos adequados ou baixa escolarização dos responsáveis podem dificultar tanto o uso quanto a compreensão crítica das tecnologias. A escola, nesse cenário, desempenha um papel social essencial como promotora da inclusão digital, garantindo que todas as crianças, independentemente de sua origem, possam usufruir das potencialidades pedagógicas dos recursos digitais. Essa missão exige políticas públicas comprometidas com a equidade, a formação continuada dos profissionais da educação e o investimento em infraestrutura tecnológica nas instituições escolares.

PERSPECTIVAS PEDAGÓGICAS PARA UM USO CRIATIVO DAS TECNOLOGIAS

Promover um uso criativo das tecnologias na Educação Infantil implica repensar práticas pedagógicas convencionais e construir propostas centradas na curiosidade, na autoria e no protagonismo das crianças. Em vez de considerar a tecnologia apenas como instrumento de transmissão de conteúdos, é necessário compreendê-la como aliada na construção ativa do conhecimento, integrada a projetos significativos que emergem dos interesses infantis. Conforme argumenta Rinaldi (2012, p. 85), o planejamento pedagógico deve ser orientado pela escuta sensível às perguntas, desejos e modos de ser da criança, inclusive no que diz respeito ao uso das tecnologias digitais.

Nesse cenário, a pedagogia de projetos se revela uma abordagem potente e coerente com a infância. Diferentemente das atividades isoladas e descontextualizadas, os projetos permitem articular diversas áreas do saber em torno de um eixo temático relevante para as crianças, promovendo aprendizagens mais integradas e vivenciadas. As tecnologias, nesse contexto, tornam-se ferramentas para investigar, registrar, expressar e comunicar descobertas. Um projeto sobre animais, por exemplo, pode mobilizar recursos como vídeos, aplicativos de sons, fotografia e edição digital, culminando na criação de um videodocumentário narrado pelas próprias crianças, valorizando sua voz e sua visão de mundo.

Outra perspectiva pedagógica inovadora e alinhada ao uso criativo das tecnologias é a documentação pedagógica digital. Por meio de fotos, vídeos, áudios e anotações, é possível registrar não apenas os produtos das atividades, mas os processos, os percursos, as hipóteses e os modos singulares de cada criança construir conhecimento. Essa prática amplia o olhar do educador sobre o desenvolvimento infantil, contribui para a avaliação formativa e estreita os laços com as famílias, que passam a ter acesso à riqueza das experiências vividas no cotidiano escolar. Como enfatiza Barbosa (2015, p. 28), do-

cumentar é também interpretar – e os recursos tecnológicos ampliam as possibilidades de tornar visíveis os pensamentos e saberes das crianças.

A mediação docente ocupa, nesse processo, um lugar central. O educador deixa de ser um mero transmissor de informações para se tornar um curador de experiências significativas, um facilitador das interações e um provocador de aprendizagens. A tecnologia, nesse sentido, deve estar a serviço de propostas que estimulem a cooperação, o pensamento crítico, a resolução de problemas e a expressão criativa. Não é necessário utilizar ferramentas sofisticadas: muitas vezes, aplicativos simples, combinados com um bom planejamento pedagógico, são mais eficazes do que recursos complexos desarticulados dos objetivos educacionais da instituição.

Garantir às crianças tempo e espaço para explorar livremente os recursos digitais é outro princípio fundamental de uma abordagem criativa. Essa exploração espontânea permite que elas experimentem possibilidades, descubram funcionalidades, testem hipóteses e desenvolvam autonomia na relação com a tecnologia. Ao invés de propostas repetitivas e mecanizadas, que limitam a ação infantil, o uso criativo das tecnologias valoriza a imaginação, a autoria e o prazer de aprender. Para que isso ocorra, o educador precisa planejar intencionalmente os tempos e os ambientes educativos, promovendo uma relação lúdica e investigativa com os meios digitais.

É essencial que o uso das tecnologias na Educação Infantil seja permanentemente avaliado, não apenas em termos de resultados, mas principalmente como um processo em constante construção. A avaliação deve considerar as observações sensíveis do educador, as manifestações das crianças e os sentidos que elas atribuem às suas experiências com os recursos digitais. Essa prática reflexiva permite ajustar percursos, qualificar intervenções e ampliar as possibilidades educativas da tecnologia. Assim, sustenta-se uma pedagogia que reconhece a infância como tempo de descoberta, experimentação e invenção, e a tecnologia como linguagem e ferramenta a serviço de uma educação sensível, ética e transformadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo propôs uma reflexão sobre os caminhos para um uso criativo, consciente e significativo das tecnologias digitais na Educação Infantil, compreendendo a infância como uma etapa marcada pela ludicidade, pela multiplicidade de linguagens e pela intensa construção de sentidos. Longe de constituírem ameaça ao desenvolvimento infantil, as tecnologias, quando mediadas com intencionalidade pedagógica, sensibilidade ética e escuta ativa, podem se tornar poderosas aliadas na ampliação das experiências educativas e expressivas das crianças.

Integrar as tecnologias ao cotidiano da Educação Infantil demanda reconhecer e valorizar os saberes prévios das crianças, incorporando sua cultura digital de forma respeitosa e crítica. O uso criativo das tecnologias não se resume ao consumo de conteúdos prontos, mas se materializa em experiências de autoria, experimentação e descoberta. Trata-se de possibilitar que as crianças narrem o mundo a partir de suas próprias perspectivas, articulando diferentes linguagens – visual, sonora, verbal, corporal – em propostas que promovam o protagonismo infantil e respeitem seus modos próprios de aprender e se expressar.

Para que essa integração seja efetiva e transformadora, é imprescindível investir na formação continuada dos educadores, de modo que desenvolvam uma compreensão crítica das tecnologias e construam práticas alinhadas aos direitos da infância. Além disso, a corresponsabilidade das famílias, a garantia da equidade de acesso e a implementação de políticas públicas comprometidas com a inclusão digital são condições estruturantes para que as tecnologias cumpram seu papel de ampliar repertórios, favorecer aprendizagens e fortalecer vínculos entre escola, criança e comunidade.

Pensar o uso das tecnologias na Educação Infantil, portanto, é assumir o desafio de construir uma pedagogia da escuta, da criatividade e da sensibilidade. Uma pedagogia que reconheça a presença das tecnologias no universo da infância contemporânea sem

abrir mão da centralidade das relações humanas, do brincar livre, da imaginação e da potência criadora da criança. Nesse horizonte, a tecnologia deixa de ser um fim em si e passa a ser linguagem, ponte e ferramenta para a construção de um mundo mais justo, poético e humanizador.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. A Imagem no Ensino da Arte. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. Documentação pedagógica na Educação Infantil: diálogos com a abordagem de Reggio Emilia. Porto Alegre: Penso, 2015.

COSTA, Fernando Albuquerque et al. Repensar as TIC na educação: o professor como agente transformador. Portugal: Santillana, 2012.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Penso, 2012.

KENSKI, Vani Moreira. Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação. Campinas: Papirus, 2012.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O brincar e suas teorias. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2011.

LOPES, Vanessa Gomes. Linguagem do Corpo e Movimento. Curitiba: FAEL, 2006.

MORAN, José Manuel. Metodologias ativas para uma educação inovadora. São Paulo: Papirus, 2015.

POSTMAN, Neil. O desaparecimento da infância. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

RINALDI, Carla. Diálogos com Reggio Emilia: Escutar, investigar e aprender. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Manual de Orientação: Saúde de crianças e adolescentes na era digital. Rio de Janeiro: SBP, 2020.

VALENTE, José Armando. Tecnologia e educação: o que pode mudar com as tecnologias? Campinas: UNICAMP/NIED, 2015.